

ensaio autobiográfico

(1899-1970) jorge luis borges

com norman thomas di giovanni

tradução maria carolina de araujo e jorge schwartz



COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © 1970 by María Kodama e Norman Thomas di Giovanni
Todos os direitos reservados

Grafia atualizada segundo o Acordo
Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,
que entrou em vigor no Brasil em 2009.

título original

an autobiographical essay (1899-1970)

capa e projeto gráfico

warrakloureiro

foto página 1

alicia daminco

preparação

márcia copola

revisão

carmen t. s. costa

huendel viana

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Borges, Jorge Luis, 1899-1986.

Ensaio autobiográfico : (1899-1970) / Jorge Luis Borges com
Norman Thomas di Giovanni ; tradução Maria Carolina
de Araujo e Jorge Schwartz. — São Paulo: Companhia das
Letras, 2009.

Título original: An autobiographical essay.

ISBN 978-85-359-1479-5

1. Borges, Jorge Luis, 1899-1986 2. Escritores argentinos —
Autobiografia 1. di Giovanni, Norman Thomas. II. Título.

09-04833

CDD-ar868.4

Índices para catálogo sistemático:

1. Argentina: Século 20: Ensaio: Ensaio autobiográfico
ar868.4

2. Escritores argentinos: Século 20: Ensaio autobiográfico
ar868.4

[2009]

todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ LTDA.

rua Bandeira Paulista 702 cj. 32

04532-002 – São Paulo – SP

telefone (11) 3707-3500

fax (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

nota dos tradutores 7

família e infância 9

europa 23

buenos aires 37

maturidade 55

anos de plenitude 75

família e infância

Não posso precisar se minhas primeiras lembranças remontam à margem oriental ou ocidental do turvo e lento rio da Prata; se vêm de Montevideú, onde passávamos longas e ociosas férias na chácara de meu tio Francisco Haedo, ou de Buenos Aires. Nasci em 1899 em pleno centro de Buenos Aires, na rua Tucumán, entre a Suipacha e a Esmeralda, numa casa pequena e modesta que pertencia a meus avós maternos. Como a maioria das casas da época, tinha terraço, vestíbulo, dois pátios e um algibe de onde tirávamos a água. Devemos ter nos mudado logo para o subúrbio de Palermo, porque tenho minhas primeiras lembranças de outra casa com dois pátios, um jardim com um alto moinho de vento e um terreno baldio do outro lado do jardim. Nesses tempos, Palermo — o Palermo onde vivíamos, na Serrano com a Guatemala — era o sórdido arrabalde norte da cidade, e muita gente, para quem era uma vergonha reconhecer que morava ali, dizia de modo ambíguo que vivia lá pela zona norte. Nossa casa era uma das poucas construções de dois andares que havia nessa rua; o restante do bairro era formado por casas térreas e terrenos baldios.

Muitas vezes me referi a essa região como “periferia”. Em Palermo viviam pessoas de famílias decadentes e outras menos recomendáveis. Havia também um Palermo de *compadritos*,* famosos pelas brigas de faca, mas esse Palermo ainda custaria a despertar minha imaginação, pois fazíamos todo o possível — e com êxito — para ignorá-lo. Ao contrário de nosso vizinho Evaristo Carriego, o primeiro poeta argentino a explorar as possibilidades literárias que estavam ao alcance de suas mãos. Quanto a mim, mal percebia a existência dos *compadritos*, pois quase não saía de casa.

Meu pai, Jorge Guillermo Borges, era advogado. Era um anarquista filosófico — um discípulo de Spencer — e também professor de psicologia na Escuela Normal de Lenguas Vivas, onde ditava as aulas em inglês utilizando como texto a versão resumida do manual de psicologia de William James. O inglês de meu pai se devia ao fato de sua mãe, Frances Haslam, ter nascido em Staffordshire, de família da região de Northumberland. Uma inusitada trama de circunstâncias a trouxera para a América do Sul. A irmã mais velha de Fanny Haslam desposara um engenheiro judeo-italiano, chamado Jorge Suárez, que introduziu os primeiros bondes puxados a cavalo

* O *compadrito* foi, como escreveu Borges, “o plebeu das cidades e do indefinido arrabalde, assim como o *gaucho* o foi da planície e das coxilhas”. J. L. Borges e Silvina Bullrich, *El compadrito* (Buenos Aires: Compañía General Fabril Editora, 1968), p. 11. [N. E.]

na Argentina, onde ele e a mulher se estabeleceram e mandaram buscar Fanny. Lembro-me de uma anedota relacionada com essa aventura. Suárez era hóspede do general Urquiza em seu “palácio” de Entre Ríos e cometeu a imprudência de ganhar a primeira partida no jogo de cartas com o general, que era o implacável caudilho da província e capaz de mandar degolar qualquer um. Terminado o jogo, os outros hóspedes, alarmados, explicaram a Suárez que, se ele desejava autorização para que seus bondes pudessem circular pela província, deveria a cada noite perder certa quantidade de moedas de ouro. Urquiza era tão mau jogador que Suárez teve de fazer muito esforço para perder as somas combinadas.

Foi na cidade de Paraná, a capital de Entre Ríos, que Fanny conheceu o coronel Francisco Borges. Isso ocorreu em 1870 ou 1871, durante o cerco da cidade pelos *montoneros*,* a milícia *gaucha*** de Ricardo López Jordán. Borges, montado a cavalo à frente de seu regimento, comandava as tropas que defendiam a cidade. Fanny Haslam viu-o do terraço de sua casa; e nessa mesma noite organizaram um baile para celebrar a chegada das tropas governamentais de reforço. Fanny e o coronel conheceram-se, dançaram, apaixonaram-se e depois de certo tempo casaram.

* Guerrilheiros *gauchos* e índios que participavam das milícias conhecidas por *montoneras* na guerra que se travou durante o processo de independência da Argentina e do Uruguai, nas primeiras décadas do século XIX. [N. E.]

** Embora em certos contextos corresponda ao nosso *gaúcho*, o termo espanhol designa um tipo social e histórico que teve importante papel na vida agropastoril e nas lutas internas da Argentina e do Uruguai, no século XIX e início do século XX. [N. E.]

Meu pai era o mais jovem de dois filhos. Nasceria em Entre Ríos e costumava explicar a minha avó, uma respeitável senhora inglesa, que na verdade não era entrerriano, já que — dizia — “fui concebido no pampa”. Ao que minha avó respondia, com reserva inglesa: “Tenho certeza de que não sei do que você está falando”. Evidentemente, as palavras de meu pai correspondiam à verdade, pois meu avô fora, em princípios da década de 1870, comandante em chefe nas fronteiras do norte e do oeste da província de Buenos Aires. Quando criança, ouvi muitas histórias de Fanny Haslam sobre a vida da fronteira naqueles tempos. Uma delas aparece em meu conto “História do guerreiro e da cativa”. Minha avó falara com vários caciques, cujos nomes um tanto incomuns eram — parece-me — Simón Coliqueo, Catriel, Pincén e Namuncurá. Em 1874 — durante uma de nossas guerras civis —, meu avô, o coronel Borges, encontrou a morte. Tinha, na época, 41 anos. Nas complicadas circunstâncias que cercaram sua derrota em La Verde, envolto num poncho branco, montou um cavalo e, seguido por dez ou doze soldados, avançou devagar em direção às linhas inimigas, onde foi atingido por duas balas de um Remington. Foi a primeira vez que se usou essa marca de rifle na Argentina, e fascina-me pensar que a marca que me barbeia todas as manhãs traz o mesmo nome daquela que matou meu avô.

Fanny Haslam era uma grande leitora. Quando tinha passado dos oitenta, as pessoas diziam-lhe, para serem amáveis com ela, que já não havia escritores como Dickens e Thackeray. Minha avó respondia: “Mas eu prefiro Arnold Bennett, Galsworthy e Wells”. Quando estava

morrendo, aos noventa anos de idade, em 1935, chamou-nos a seu lado e disse, em inglês (seu espanhol era fluente mas pobre), com aquele fio de voz: “Não passo de uma velha que está morrendo muito, muito devagar. Não há nada de notável nem de interessante nisso”. Não via razão alguma para que a casa toda se alterasse e se desculpava por demorar tanto a morrer.

Meu pai era muito inteligente e, como todos os homens inteligentes, muito bondoso. Certa vez, disse-me que prestasse bastante atenção nos soldados, nos uniformes, nos quartéis, nas bandeiras, nas igrejas, nos sacerdotes e nos açougues, já que tudo isso iria desaparecer, e eu poderia um dia contar a meus filhos que vira essas coisas. Até agora, infelizmente, não se cumpriu a profecia. Meu pai era um homem tão modesto que teria preferido ser invisível. Embora se orgulhasse de sua ascendência inglesa, costumava zombar dela. Dizia-nos, com fingida perplexidade: “Afim, o que são os ingleses? São uns roceiros alemães”. Seus ídolos eram Shelley, Keats e Swinburne. Como leitor, tinha dois interesses. Em primeiro lugar, livros sobre metafísica e psicologia (Berkeley, Hume, Royce e William James). Em segundo, literatura e livros sobre o Oriente (Lane, Burton e Payne). Foi ele que me revelou o poder da poesia: o fato de as palavras serem não apenas um meio de comunicação, mas também símbolos mágicos e música. Agora, quando declamo um poema em inglês, minha mãe diz que o faço com a mesma voz de meu pai. Ele também me deu, sem que eu percebesse, as primeiras lições de filosofia. Quando eu era ainda muito jovem, com a ajuda de um tabuleiro de xadrez, explicou-me os paradoxos de Zenão: Aquiles e a tartaruga, o voo

imóvel da flecha, a impossibilidade do movimento. Mais tarde, sem mencionar o nome de Berkeley, fez todo o possível para ensinar-me os rudimentos do idealismo.

Minha mãe, Leonor Acevedo de Borges, descende de famílias argentinas e uruguaias tradicionais e, aos 94 anos, continua tão forte quanto um carvalho, e muito católica. Durante minha infância, a religião era assunto de mulheres e crianças; os portenhos eram em sua maioria livres-pensadores, embora, se lhes fosse perguntado, em geral se declarassem católicos. Acho que herdei de minha mãe a qualidade de pensar o melhor das pessoas e também o forte senso de amizade. Minha mãe sempre teve uma atitude hospitaleira. Desde que aprendeu inglês com meu pai, tem feito quase todas as suas leituras nessa língua. Depois da morte de meu pai, como era incapaz de fixar a atenção na página impressa, traduziu *A comédia humana*, de William Saroyan, para conseguir concentrar-se. A tradução encontrou editor, e por esse trabalho minha mãe recebeu uma homenagem de uma sociedade armênia de Buenos Aires. Mais tarde, traduziu alguns contos de Hawthorne e um dos livros de Herbert Read sobre arte. Fez também algumas das traduções de Melville, Virginia Woolf e Faulkner, que me são atribuídas. Para mim ela sempre foi uma companheira — sobretudo nos últimos tempos, quando fiquei cego — e uma amiga compreensiva e tolerante. Durante anos, até recentemente, foi uma verdadeira secretária: respondia a minhas cartas, lia para mim, anotava meu ditado, além de ter me acompanhado em muitas viagens, tanto pelo

país como no exterior. Embora eu nunca tivesse me detido para pensar no assunto, foi ela quem silenciosamente alentou minha carreira literária.

Seu avô foi o coronel Isidoro Suárez, que em 1824, aos 24 anos, comandou o famoso ataque de cavalaria peruana e colombiana que decidiu a Batalha de Junín, no Peru. Essa foi a penúltima guerra sul-americana pela independência. Ainda que primo em segundo grau de Juan Manuel de Rosas, ditador na Argentina de 1835 a 1852, Suárez preferiu o desterro e a pobreza em Montevideú a viver sob uma tirania em Buenos Aires. Suas terras foram, evidentemente, confiscadas, e um de seus irmãos foi executado. Outro membro da família de minha mãe foi Francisco de Laprida, que, em 1816, em Tucumán, presidiu o Congresso que declarou a independência da Confederação Argentina. Morreu em 1829, numa guerra civil. O pai de minha mãe, Isidoro Acevedo, mesmo não sendo militar, participou de guerras civis durante as décadas de 1860 e 1880. Assim, de ambos os lados da família tenho antepassados militares; isso talvez explique minha nostalgia desse destino épico que as divindades me negaram, sem dúvida sabiamente.

Já disse que durante grande parte da infância não saí de casa. Por carecer de amigos, minha irmã e eu inventamos dois companheiros imaginários, chamados, não sei por quê, Quilos e O Moinho de Vento. (Quando por fim nos cansamos deles, dissemos a nossa mãe que tinham morrido.) Sempre fui muito míope e usei óculos, e era um tanto frágil. Como a maioria de meus ancestrais haviam sido soldados — mesmo o irmão de meu pai fora um oficial na-

val — e eu sabia que nunca o seria, desde muito jovem me sentia envergonhado de ser um homem de livros e não de ação. Durante toda a minha juventude, pensei que o fato de ser amado equivalia a uma injustiça. Não me sentia digno de nenhum amor em especial e recordo que meus aniversários me enchiam de vergonha, porque todos me cumulavam de presentes e eu pensava que não havia feito nada para merecê-los, que era uma espécie de impostor. Por volta dos trinta anos, consegui superar essa sensação.

Em casa falávamos indistintamente em espanhol ou em inglês. Se tivesse de indicar o evento principal de minha vida, diria que é a biblioteca de meu pai. Na realidade, creio nunca ter saído dessa biblioteca. É como se ainda a estivesse vendo. Ocupava todo um aposento, com estantes envidraçadas, e devia conter milhares de volumes. Como era muito míope, esqueci-me da maioria dos rostos dessa época (quando penso em meu avô Acevedo, talvez esteja pensando em sua fotografia), mas ainda lembro com nitidez as gravuras em aço da *Chambers's Encyclopaedia* e da *Britannica*.

O primeiro romance que li inteiro foi *Huckleberry Finn*. Depois vieram *Roughing It* e *Flush Days in California*. Também li os livros do capitão Marryat, *Os primeiros homens na Lua*, de Wells, Poe, uma edição da obra de Longfellow em um volume, *A ilha do tesouro*, Dickens, *Dom Quixote*, *Tom Brown na escola*, os contos de fadas de Grimm, Lewis Carroll, *As aventuras de mr. Verdant Green* (livro agora esquecido), *As mil e uma noites*, de Burton. A obra de Burton — infestada de coisas então consideradas obscenidades — foi-me proibida, e tive de lê-la às escondidas no terraço. Mas nessa altura estava tão emocionado

pela magia do livro que não percebi em absoluto as partes censuráveis e li os contos sem me dar conta de nenhum outro significado. Todos os livros que acabo de mencionar, eu os li em inglês. Quando mais tarde li *Dom Quixote* na versão original, pareceu-me uma tradução ruim. Ainda lembro aqueles volumes vermelhos com letras impressas em ouro da edição Garnier. Em algum momento, a biblioteca de meu pai fragmentou-se e, quando li o *Quixote* em outra edição, tive a sensação de que não era o verdadeiro *Quixote*. Mais tarde, fiz com que um amigo me conseguisse a edição Garnier, com as mesmas gravuras em aço, as mesmas notas de rodapé e também as mesmas erratas. Para mim, todas essas coisas fazem parte do livro; considero esse o verdadeiro *Quixote*.

Em espanhol li muitos dos livros de Eduardo Gutiérrez sobre bandidos e foragidos argentinos — sobretudo *Juan Moreira* —, bem como seu *Siluetas militares*, que contém um vigoroso relato da morte do coronel Borges. Minha mãe proibiu-me a leitura do *Martín Fierro*, pois o considerava um livro indicado apenas para rufiões e colegiais e que, além disso, nada tinha a ver com os verdadeiros *gauchos*. Esse também eu li às escondidas. A opinião de minha mãe baseava-se no fato de que Hernández apoiara Rosas e, portanto, era inimigo de nossos antepassados unitários. Li ainda o *Facundo*, de Sarmiento, e vários livros sobre mitologia grega e depois escandinava. A poesia chegou-me através do inglês: Shelley, Keats, FitzGerald e Swinburne, esses grandes favoritos de meu pai que ele podia citar extensamente, e muitas vezes o fazia.